

A Antropofagia periférica de José Falero

Alexandre Briozo Gomes Filho / 22 de agosto de 2024 / Especial: Leituras do Vestibular



“Cria-me, leitor: não existe ambiente mais hostil para um pé-rapado do que um ambiente acadêmico. É impossível ficar à vontade. Nada ao redor traz sensação de conforto, nada ao redor lembra minimamente as vielas e os barracos que estamos acostumados a ver à nossa volta, ninguém ao redor nos desperta a mínima sensação de identificação ou nos inspira empatia, é todo mundo pálido demais, é todo mundo civilizado demais, é todo mundo bem-vestido demais, é todo mundo sem ginga, é todo mundo sem suíngue, é todo mundo tão diferente de nós, e em tantos sentidos!”

— TRECHO DA CRÔNICA “DE VOLTA AO CAMPUS”, PRESENTE NO LIVRO MAS EM QUE MUNDO TU VIVE?

Em mais um amanhecer em Porto Alegre, o céu clareava, os carros zuniam, o tráfego de ônibus começava a se intensificar, e os assalariados dos mais afastados cantos da cidade iniciavam – ou concluíam – mais uma jornada de trabalho. E mais uma vez subia a lomba do Câmpus do Vale um certo José Carlos da Silva Júnior para mais um dia na Universidade, vindo da Lomba do Pinheiro, bairro periférico da capital que, de tão distante geográfica, econômica e etnicamente dos bairros centrais, é comumente esquecido na orgulhosa pintura do sujeito porto-alegrense tradicional e consequentemente apagado do imaginário coletivo.

José Falero, como assina em seus livros e é conhecido, não adentrava o território acadêmico “hostil” da UFRGS como estudante de Letras, como sonhava, mas como ajudante do pedreiro Altair na construção de um galpão. É o que narra na crônica “De Volta ao Campus”, inicialmente publicada na Revista Parêntese do Matinal Jornalismo e agora integrante da composição [antropofágica periférica](#) de 58 crônicas reunidas no livro *Mas em que mundo tu vive?*, publicado em 2021 pela Editora Todavia e incluído nas leituras obrigatórias do vestibular da UFRGS de 2025.

Dividido em quatro partes (Assalariados, Em construção, Branco é a vó e Entre as tripas e a razão), o primeiro livro de crônicas a fazer parte das leituras obrigatórias do vestibular da Universidade é um contraponto a uma crítica de Paulo Roberto Pires publicada na revista Quatro Cinco Um: a crônica seria um gênero textual de homem branco que vive de frente para o mar. Se nas décadas de 1950 e 1960 a crônica “servia como anestesia para as dores da classe média branca” – como ainda se vê hoje em dia –, atualmente, com a estruturação e a suplementação da Literatura Marginal, o gênero “periférico” e “dissidente”, que balança entre realidade e ficção e se situa no limite entre Jornalismo e Literatura, também é utilizado como manifesto de uma população marginalizada e ferramenta de combate às desigualdades.

Acentuando a dor de cabeça da classe média branca porto-alegrense num movimento de [escrivência](#) que ecoa os quatro cantos da periferia e afirma a favela também como espaço de produção cultural, Falero constrói espelhos, liga os microfones, aumenta o som dos amplificadores, maneja as palavras com a cabeça determinada de um autodidata e aponta o dedo sem medo de encostar na ferida: Ei, mas em que mundo tu vive?

A literatura marginal de José Falero

“Falero rompe com a tradição do texto confortável porque ele acaba trabalhando essa realidade difícil, angustiante, que sofrem, que sobrevivem, na verdade, as pessoas pobres, a população pobre racializada de Porto Alegre. Isso tudo acaba se materializando dentro da crônica [dele]”, diz o mestrando em Letras Kainan Lopes Porto Alegre. Kainan se deparou com a literatura marginal de Falero ainda em 2019, quando o autor tinha acabado de lançar o livro de contos *Vila Sapo* e o vendia ele mesmo, de mão em mão. Teve a honra de comprar o livro direto da fonte. No Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação, Kainan examinou o romance *Os Supridores* (2020) a partir do conceito de [Antropofagia periférica](#), cunhado pelo poeta Sérgio Vaz. Sua dissertação de mestrado é uma extensão da pesquisa prévia.

Entre as atribuições de um ajudante de pedreiro, segundo Falero, está a de ir comprar o refrigerante do meio-dia. Em seu caso, a tarefa era árdua porque envolvia ter que passar pelos estudantes. E lá se ia o escritor, com seu uniforme de trabalho sujo de argamassa, enfrentar as olhadas de dezenas de universitários. Ele observa que não há ambiente mais hostil para um pé-rapado do que o ambiente acadêmico.

Quando a professora da graduação e pós-graduação em Letras Rejane Pivetta de Oliveira passou a ter mais contato com literatura produzida pelas periferias e viu as diferenças entre o Outro escrito por escritores brancos e o Outro escrito por ele mesmo, cravou o interesse em Literatura Marginal e passou a estudar o tema ainda em 2012. “A nossa literatura abordou muito essas questões de desigualdade social, de violência, mas de um jeito estereotipado, vendo esses espaços marginais apenas como lugares de criminalidade, de pobreza, de miséria”, ela conta.

“A favela também é um lugar de potência, de criação, de possibilidades de existência, de afirmação da vida que acontece ali, dos sujeitos que habitam aqueles espaços. Esses sujeitos assumem um outro lugar, não aquele lugar de personagens secundários dessa ficção, mas de protagonistas mesmo, sujeitos que falam da sua condição e que expressam a sua subjetividade, o seu ponto de vista”

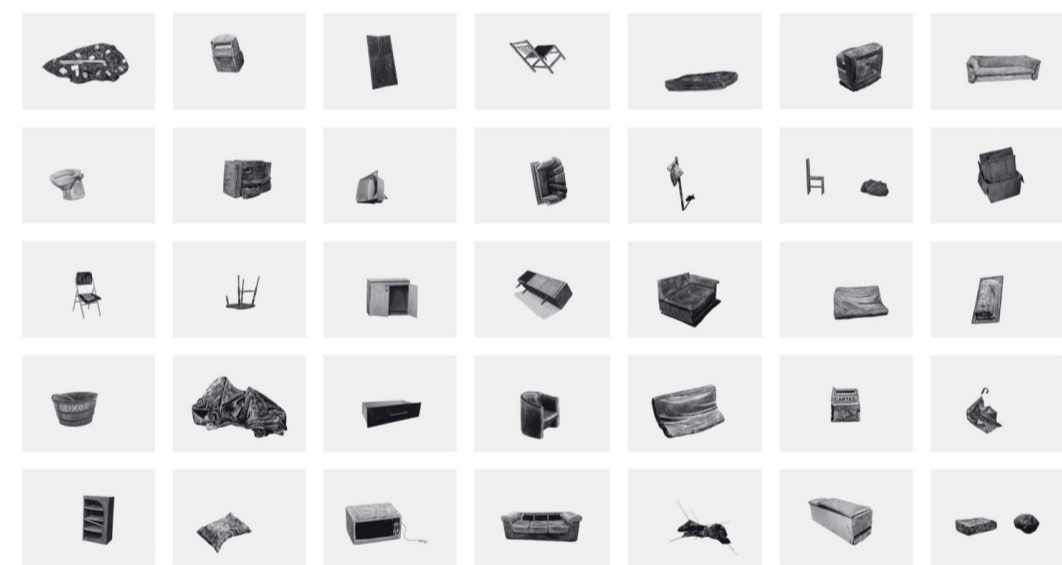
— Rejane Pivetta de Oliveira

Sobre a Literatura Marginal, a professora explica que é um movimento que data do fim dos anos 1990, com o álbum *Sobrevivendo ao Inferno*, dos Racionais MCs. Ainda, ressalta que é um movimento que se situa dentro de uma efervescência que abrange não só a literatura, mas também a música, com o Rap e o Hip-Hop. A estruturação do gênero se deu com o Manifesto do Terrorismo Literário do escritor Ferréz, publicado em 2001 na extinta revista Caros Amigos.

De volta ao câmpus

Livre de sua penitência, Falero deu graças a Deus quando o galpão foi finalizado. Disse para si que só voltaria ao câmpus como estudante de Letras. Mas voltou atrás para assistir ao curso de Literatura marginal-periférica da doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo Érica Peçanha do Nascimento. Findado o curso, uma nova promessa: só voltaria ao câmpus como palestrante. As voltas que o mundo dá se encarregariam, mais cedo ou mais tarde, de concretizar o desejo.

O Falero que volta à Universidade refletindo sobre o “boas festas” de fim de ano da gente sem eira nem beira, denunciando desigualdade e hipocrisia na crônica de mesmo nome; que destaca que a infância é pura poesia em “Redundância”; que sinaliza a incapacidade do pensamento brasileiro burguês de pensar no coletivo em “Um país dividido em dois”; que confidencia ao leitor sua depressão na juventude, uma desilusão amorosa e a iminência de mais um percalço em sua vida em “Uma derrota no cais Mauá”; esse Falero é o mesmo Falero do uniforme banhado em argamassa, que se constrangia ao ter que passar por dezenas de universitários para comprar a coca-cola do meio-dia, como se mostra ao longo das crônicas. A diferença é que, em vez de ajudar a construir um galpão com espátula e cimento, ele veio se juntar a seus contemporâneos e ancestrais a reformar a Universidade, portando as ferramentas de todo bom escritor: sentenças bem empregadas e pensamento emancipatório.



Leonardo Lopes. Painel. **Sem título**, 2019 – 2023
Carvão, pastel seco, grafite e matéria queimada em geral em sobre papel. 29,7 x 42 cm (CADA).

Especial Leituras Obrigatórias

Com o objetivo de ampliar as experiências de leitura, a UFRGS, desde 2018, uma série de reportagens em que especialistas destacam aspectos e fazem análises interpretativas das obras indicadas pela Universidade. Acompanha cada texto a criação de artigos convidados que dialogam com a obra e a biografia de autoras e autores. Veja as reportagens [aqui](#).

Leonardo Lopes (1997) é artista visual, pesquisador, mestre em Poéticas Visuais e graduando da licenciatura em Artes Visuais na UFRGS. Em sua pesquisa, busca tencionar – através da linguagem do desenho – a presença de alguns objetos do cotidiano descartados nas ruas de Porto Alegre a partir da percepção de sua recorrência e efemeridade.

:: Posts relacionados



Livros clássicos mantêm seu legado na literatura contemporânea ao abordar temas universais

Caio Fernando Abreu: a memória viva do escritor de uma geração

A elaboração da memória em Jeferson Tenório

Paulina Chiziane e a situação da mulher moçambicana

:: ÚLTIMAS

- Carta aos leitores | 23.09.24
- Paridade na consulta para a reitoria, agora adotada na UFRGS, ainda não é consenso entre as universidades federais, aponta mapeamento
- Paradesporto propicia melhora na qualidade de vida e auxilia a pessoa com deficiência a projetar o futuro
- Da sala de aula às ruas devastadas do Sarandi
- Extensão popular para mudar a Universidade!
- O futebol das gurias
- Carta aos leitores | 12.09.24
- Crise climática aponta necessidade de mudanças na produção e no consumo de alimentos
- Gabriel Tossi e a busca por conhecimento
- Estratégia para enfrentar a desinformação climática



INSTAGRAM

jornaldauniversidadeufrgs @jornaldauniversidadeufrgs Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE



CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS
Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro |
Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:
90040-060
(51) 3308.3368
jornal@ufrgs.br